

LITERATURA COMO OBJETO DE PESQUISA: TAREFAS E CAMPO DE ATUAÇÃO

Regina Zilberman

A pesquisa literária parece, à primeira vista, restringir-se ao âmbito das bibliotecas; estas constituiriam o cenário apropriado ao seu desenvolvimento, enquanto forneceriam ao interessado o único material passível de abordagem: o próprio livro. Porém, na medida em que sabemos que a Teoria Literária tem pontos de contato com outras ciências — como a Sociologia ou a Psicanálise, por exemplo — torna-se evidente que este fato provém da natureza do objeto literário, qual seja, a sua comunicabilidade com todos os setores da vida humana. Nestes termos, a pesquisa pode ousar mais, abandonando as salas e estantes das bibliotecas e sair ao campo. Trataremos de esboçar aqui como isto pode se dar e os resultados que se espera alcançar.

I — Antes de mais nada, as bibliotecas e os acervos literários ainda permanecem um importante manancial para a pesquisa. Em primeiro lugar, porque urge entre nós, no Rio Grande do Sul, a recuperação, ordenação e interpretação de um grande número de autores que fizeram os primórdios de nossa literatura, mas cuja obra não mereceu esta sistematização mencionada. Neste caso, a tarefa é recuperar para a nossa cultura tais textos e os resultados contribuirão a uma compreensão mais completa de nossa História literária.

Porém, um levantamento em bibliotecas pode ser mais amplo e ultrapassar o campo da historiografia. Pois, se nos propomos ao estudo de um fenômeno estético — o conto, por exemplo, é importante verificar-se não apenas a sua origem e história, no caso da literatura brasileira, mas igualmente como este fenômeno era (e é) compreendido tanto por seus criadores como pelos críticos que os receberam (e recebem), quando se defrontaram (e se defrontam hoje) com esta forma (nova, se remontamos o estudo exclusivamente às origens).

Como se vê, enfocando o fenômeno estético neste âmbito, mais amplo — embora ainda possamos nos restringir à letra impressa, em livros, jornais e revistas, e atuar com pessoas ligadas ao contexto literário, através dos autores e críticos — torna-se possível compreendê-lo dentro de um sistema que o transcende, pois começa a relacioná-lo à sociedade que o gerou.

II — Uma pesquisa que procure transcender à biblioteca, significa uma compreensão da literatura como fenômeno social; em outras palavras, como algo mais do que a letra impressa. No caso acima referido, é certo que esta letra impressa pode ter um sentido mais amplo, enquanto refletir um consenso social, isto é, a

recepção de certos acontecimentos literários. Ela poderá nos dar também a receptividade do leitor não-especializado, quando nos ativermos às cartas ou crônicas de autores não diretamente oriundos do campo literário. No caso da historiografia literária, é com estes elementos que temos de lidar, sendo possível reconstituir até todo um meio sócio-político dentro do qual emergiu o acontecimento propriamente estético (é o caso, por exemplo, da receptividade da *Semana de Arte Moderna*, em São Paulo, e, por extensão, do Modernismo brasileiro).

Porém, se a literatura permanece atuante, na medida em que nossos autores do passado ainda são lidos e em que se escreve cada vez mais, esta pesquisa de natureza antes de tudo sociológica pode ser levada a cabo de modo muito mais vivo, ao ser dirigida diretamente ao leitor contemporâneo. Trata-se, neste caso, de se verificar em que medida a literatura participa da vida social, de onde os autores retiram seus motivos e suas personagens. Além disto, a pesquisa sobre as preferências de leitura oferece material não apenas à compreensão do mercado livreiro e literário, mas também à constatação do rumo que segue a literatura atual, na perspectiva de seus consumidores. Por outro lado, não se pode deixar à parte o enfoque do ponto de vista do próprio criador que, confrontado aos resultados obtidos, deverá ser questionado quanto ao seu real conhecimento das respostas e opiniões das pessoas a quem dirige a sua obra. Se este fator não deve intervir no processo da criação literária, sob pena de vir a ser determinado por um efeito externo e limitador, é decisivo para o sociólogo da literatura a verificação do ângulo a partir do qual o autor vê o mundo e seus leitores, para melhor equacionamento das relações dele com a sociedade que o cerca. Somente nesta medida, e apoiado nos dados efetivos fornecidos pela pesquisa de campo, poder-se-á compreender melhor o que Antônio Candido considera como **sistema literário**,* envolvendo o texto numa relação dialética com o autor e o leitor (não-especializado).

* V. CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. Editora Martins S/A., 1959.

Por sua vez, esta atividade, de natureza sociológica, como se disse, pode se voltar ainda ao setor educacional. Em outras palavras: na medida em que se trata de criar instrumentos e material ao estudo da literatura nos diferentes níveis escolares, a constatação do tipo de consumo da literatura atuará como uma tabela de orientação, quando da seleção dos textos para o 1.º e 2.º graus do ensino. Do mesmo modo, a descoberta científica das preferências de leitura e receptividade da criação literária nos diferentes estratos sociais e padrões etários age como fio condutor na ava-

liação e ordenamento do material a ser escolhido e empregado pelos professores, seja em vista do ensino da língua ou da abordagem do fato propriamente literário. Desta maneira, partindo-se da questão verdadeiramente social, pode-se chegar a objetivos e tarefas de caráter didático, dando um enfoque novo ao aspecto pedagógico do estudo da criação artística, porque firmemente atada às solicitações da realidade vivida pelo aluno.

III — Do ponto de vista da metodologia, a sociologia literária, que é o receptáculo teórico desta pesquisa de campo, tem procurado se fundamentar nos instrumentos oferecidos pelas Ciências Sociais. Num primeiro momento, evidencia-se que a pesquisa literária deverá se valer igualmente destes métodos, recorrendo preferencialmente a entrevistas, levantamentos e ao tabelamento dos resultados, por meio da estatística, de modo que se consiga traduzir um quadro vivo de nossa atividade cultural.

Por outro lado, na medida em que esta mesma sociologia literária é uma ciência em fase de constituição, acaba por constituir-se importante tarefa de qualquer pesquisa a auto-reflexão, visando à criação de seu material, assim como a regulação e aperfeiçoamento do que já foi empregado. Por isto, a atividade prática não estará desligada do exercício de uma função que, tomando-se o termo de empréstimo a Roman Jakobson, podemos denominar metalingüística, enquanto cuidará de se constituir como metodologia e de revisar a todo o instante não somente os resultados alcançados, mas os pressupostos que os produziram.

A literatura como objeto de pesquisa torna-se assim uma atividade de dois níveis: no primeiro deles, trata-se de esboçar um quadro vivo da cena literária — reconstituindo-a enquanto fenômeno histórico radicado na sociedade; no segundo, como diz respeito a uma metodologia posta a serviço deste objetivo, deve-se a cada momento revisá-la e regulá-la, o que significa ao mesmo tempo a elaboração e aperfeiçoamento dos instrumentos apropriados a tal tarefa, gerando uma dinâmica que deve estimular o trabalho criador.